17/03/2013 21h25 - Atualizado em 17/03/2013 21h28

**Fantástico acompanha brasileiros nas melhores universidades dos EUA**

Gustavo, do MIT, e João e Tábata, de Harvard, ganharam bolsa integral nas instituições, que têm ganhadores do Nobel entre professores.

O Fantástico viajou até as melhores universidades do planeta, pra encontrar três brilhantes jovens brasileiros!  Há poucos dias, uma publicação inglesa divulgou um ranking das melhores instituições de ensino superior do mundo. Em primeiro, ficou Harvard, onde estão a Tábata e o João. Em segundo, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, onde estuda o Gustavo.

O que a atriz Natalie Portman, vencedora do Oscar, o bilionário Bill Gates e o presidente Barack Obama têm em comum? Estudaram na super respeitada Universidade Harvard. E o que une o astronauta Buzz Aldrin, segundo homem a pisar na lua, e o ex-secretário geral da ONU Kofi Annan? Foram alunos do não menos prestigioso Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o popular MIT, sigla em inglês. E tanto Harvard como o MIT têm brasileiros também.

Harvard e MIT são praticamente vizinhos, na região de Boston, nos Estados Unidos. E foi lá, em uma manhã, com frio abaixo de zero, que o Fantástico encontrou Gustavo Haddad, Tábata Amaral e João Henrique Vogel, três mentes brilhantes.

Como é a vida dos estudantes brasileiros que estão nas melhores universidades do mundo? Quando eles são aprovados, todo mundo faz reportagem, fala deles, mas O Fantástico voltou para ver como é o dia a dia de quem já está lá.

Gustavo já tinha cursado medicina na USP antes de ir para o MIT. “A principal diferença é em relação à mentalidade que eles têm na hora de ensinar. Aqui, é muito mais um estudo que é autodidata. Eles se preocupam em você aprender as coisas e, na verdade, o professor serve muito mais para tirar dúvidas, ao invés de ensinar aquilo que você poderia aprender sozinho. É menos hora de aula. Acho que a minha carga horária roda aí em 3 horas por dia”, diz o estudante.

“Só que é muito mais trabalho, de você trabalhar em casa, sozinho, sentar 8 horas por dia, e ler, e ler, e fazer exercício”, completa Tábata, que estuda em Harvard.

Harvard e MIT são puxados, mas também oferecem muita coisa fora da  aula. “Eu participo de uns 10 grupos aqui. Faço dança indiana, trabalho com criança, trabalho, trabalho no grupo brasileiro”, diz ela.

“Toda semana tem muito evento, muita oportunidade. Dalai Lama veio aqui. Acho que é muito diferente do Brasil, onde o pessoal vai para a faculdade para estudar. Aqui, a gente vai para faculdade para viver”, avalia João.

Uma vida na fronteira do conhecimento! O MIT, por exemplo, é um líder mundial em ciência e tecnologia. Nada menos que nove, dos atuais professores do MIT são prêmios Nobel. Sem falar nos que ainda não ganharam, mas já são famosos, como o que leciona Introdução à Biologia para o Gustavo.

“Meu professor é o Eric Lander, que é o cara que liderou o projeto de sequenciamento de genoma humano”, diz o estudante. Ele dá aula para turmas de primeiro ano.

Mas todas essas oportunidades têm um custo alto. Harvard e MIT são pagas e muito caras. “Na faixa de US$ 60 mil por ano. Se você pegar os quatros anos de curso, chega tranquilamente em R$ 500 mil”, aponta Gustavo.

Gustavo, João e Tábata não tinham esse dinheiro. “Meu pai é professor de espanhol, minha mãe é dona de casa, super humilde mesmo. Sempre estudei com bolsa na escola”, conta João.

João vem de Campo Grande, subúrbio do Rio de Janeiro, a 60 quilômetros do glamour da Zona Sul, Gustavo é de uma família de classe média de São José dos Campos (SP) e Tábata é filha de uma vendedora de flores e um cobrador de ônibus. Morava na Vila Missionária, periferia de São Paulo. Estudou em escolas públicas, até chamar atenção em Olimpíadas de Conhecimento e ganhar bolsa em colégio particular. Em Harvard, também conseguiu bolsa integral, que inclui acomodação. “Aqui a gente mora em cinco pessoas, eu e mais quatro meninas. Três são americanas e outra é da Coreia do Sul”, diz a estudante.

João, em Harvard, e Gustavo, no MIT, também ganharam 100% de bolsa. Nos Estados Unidos, não existe vestibular. Para serem aceitos, os três fizeram provas, escreveram redações, passaram por entrevistas e tiveram o currículo analisado.

Eles estão gostando, mas sentem saudades.

“Eu sinto muita falta de ter um amigo próximo, abraçar alguém”, revela Tábata.

“Eu estou em dúvida se é o clima ou a culinária”, aponta Gustavo.

“Da minha mãe”, diz João.

E todos anunciam: quando terminarem os estudos, vão voltar para o Brasil. Tábata quer se formar em astrofísica e ciência política. “Para, quem sabe no futuro, fazer política ou educação como pós-graduação”, diz ela.  Gustavo pretende fazer engenharia elétrica e João, cursar economia e política, com o olhar voltado para o país onde nasceu.

João: Eu quero voltar para o Brasil. Eu quero cair de cabeça na política.

Fantástico: você pensa assim de dar um jeito no Brasil?

João: Acho que estar em um lugar desses e não aproveitar isso, não pegar esse conhecimento e aplicar no Brasil, acho que seria egoísmo.

***[[1]](#endnote-2)FIM***

1. ***Arquivo docx disponível em www.ufpa.br/heliton/arquivos/*** [↑](#endnote-ref-2)